

“ÓBITOS EM COPACABANA”

Texto de PAULO FONTENELLE ARAUJO

Dedico este livro aos meus pais

Copyright by Paulo Fontenelle de Araujo, 2018. É proibida a reprodução, por qualquer meio físico ou virtual, desta obra, sem a expressa autorização do autor. Plágio é crime – Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

*Araujo,
Paulo Fontenelle de*

ÓBITOS EM COPACABANA

1. ed. – São Paulo, SP

2. ISBN 978-65-266-0773-2

Literatura brasileira. 2. Prosa

Editora Clube dos Autores

Eu me chamo Marcos de Araujo. Tenho vinte e seis anos, sou jornalista formado e trabalho no “Jornal da Cidade” da cidade do Rio de Janeiro, onde faço parte da equipe que repassa aos leitores os informes da meteorologia e nos fins de semana indica livros, discos, filmes, passeios. Gosto desta parte turística pelo fato de algumas vezes entrevistar pessoas sobre as suas viagens. Porém, já há seis meses, sobrou-me a incumbência de, em todas as manhãs, relacionar a morte de pessoas para publicação. Eu devo verificar o nome dos defuntos, informar o local, o horário dos enterros, separar as notas das missas de sétimo dia e elaborar também o obituário de um dos finados que sempre é alguém de alguma importância social. Assim no obituário do jornal, encontra-se diariamente o meu relato da vida de um morto ilustre, as realizações da sua vida, destacando os episódios pitorescos.

O obituário é quase uma biografia, mas deve ser curto, embora contundente, sendo necessário ainda um desfecho com alguma frase de despedida muito tocante: “ ele viverá sempre no coração de quem o amou” ou “ a morte não apagará a grandeza de sua vida ”.

Na verdade, o obituário é um modo de dizer que em frente as árvores dos enforcados, é preciso conceder atenção não só a cabeça pendurada, mas como a cabeça chegou até aquele laço.

Redijo muitas histórias e quando chego em meu apartamento, vou inventando outras. E crio outras vidas como uma forma de exercitar-me e cumprir de modo satisfatório as minhas funções no jornal. Inventar biografias como a do senhor Antônio Garibaldi. O senhor Antônio Garibaldi pode ter existido.

O BOTEQUIM DA RUA GEORGE

Por trinta anos, Antônio Garibaldi foi dono de um botequim quadradinho da rua George, no bairro da Lapa no Rio. Desde a compra do seu estabelecimento, Antônio, um italiano da cidade de Roma, dizia aos fregueses:

- Botequins como o meu ainda se tornarão motivo de excursões de escola pública. No futuro, as professorinhas ainda dirão aos alunos que naquele dia, eles visitariam um boteco, obra única da arquitetura do século XX.

Garibaldi explicava:

- Vejam estes micros azulejos laranjas espalhados pelas paredes. Não são delicados? Vejam a máquina de café, a mesa de bilhar, o balcão. O boteco é como igreja antiga, mas igreja não tem máquina de café, não se joga bilhar, não tem balança vermelha pra pesar mortadela. Você não entra em paz e come um ovo cozido.

Garibaldi ria muito destas conclusões e, de fato, ele, dono de botequim, nunca quis saber de igrejas porque sabia preparar pão de queijo. Garantia que os religiosos do futuro ainda diriam que o Jesus Cristo de hoje tomava uma média às sete de manhã em um bar antes de sair para as salvaçãoes. E completava:

- Talvez o boteco escolhido por Jesus possa ser este boteco!

Os fregueses curtiavam as relações de Garibaldi criava entre a sua baiuca e a fé, embora alguns outros, os fregueses evangélicos, menosprezassem a teoria como se ela fosse uma cachaça ruim. Não percebiam que eles mesmos, bebiam no bar de Garibaldi a sua dose de cachaça, simplesmente por ali ser um lugar discreto e perene.

Sexta-feira, dia 15 de abril, Antônio Garibaldi morreu de falência múltipla dos órgãos aos setenta anos e os fregueses amigos ficaram sem saber se compareciam à missa de sétimo dia ou depositavam flores na entrada do botequim do amigo. Muitos preferiram as flores, por isso a esposa de Garibaldi, dona Suzana, preparou torresmos aos visitantes.

(No final, também por causa dos torresmos, a teoria de Garibaldi se tornou a maior iguaria do boteco).

Garibaldi deixa mulher, três filhos, dois deles proprietários de outros botequins e seis netos. Todos gordos.

XXXXX

Há um grande problema em viver sozinho aqui no Rio de Janeiro. Aos domingos eles passam um jogo do Flamengo pela tevê. Durante as cobranças de lateral, fico pensando na resposta quando me perguntarem sobre minhas atividades diárias. “Colecionar histórias de defuntos”. Ninguém gosta de defuntos e eu ainda informo o sétimo dia. Isto é quase jornalismo não fosse a terra concebida sobre os cadáveres. Melhor seria não responder nada.

O Rio de Janeiro não é fácil. Um dia ainda criei o obituário de um homem chamado Itamar Vieira. Foi a vida de Itamar idealizada quando cheguei em meu apartamento de um quarto em Copacabana.

NO MEIO DAS CAPIVARAS

Quando em 1990 aquele programa da tevê decidiu entrevistar os mendigos moradores das margens do rio Pinheiros em São Paulo, não encontrou Itamar Vieira. Itamar morava sob a

ponte Transamérica. Chegou ali devido a uma grande fatalidade: ele viu a esposa morrer na hora do parto, viu o filho morrer dias depois e, após cair em depressão profunda, abandonou tudo até chegar ao rio, à ponte, a um trabalho que se limitava a recolher para reciclar, centenas de latinhas de cerveja e refrigerante jogadas pelos motoristas passantes da avenida marginal.

Itamar viveu assim durante cinco anos, em um luto profundo, quando um dia, de súbito, parecendo ter se cansado do alumínio, do sobejo das latinhas de cerveja, voltou à casa de um irmão, empregou-se novamente como Contador e retomou a sua vida.

Itamar, poderia revelar ao repórter da tevê o episódio com a capivara. O repórter não acreditaria. Seria difícil imaginar capivaras vivendo no poluído rio Pinheiros. Mas elas existiam. Capivaras pretas, capivaras de esgotos que, diariamente, no final da tarde, dormiam nas proximidades. Itamar dizia nunca ter percebido qualquer agressividade nos animais, mas um dia acordou e viu perto de si a maior espécime do bando. Ela era enorme e o encarava. Itamar contou como a capivara o encarou. O olhar do bicho, de repente, pareceu-lhe solidário, parecia querer dizer a Itamar que, se ele estava ali no rio, se tudo agora era elementar como uma palhoça de folha de bananeira, então que Itamar procurasse se sentir também uma capivara feliz.

Sábado dia 16 de abril, Itamar Vieira faleceu de pneumonia. Tinha setenta anos. Deixa dois irmãos e três sobrinhos. Pediu para ser cremado. O irmão não informou o destino das cinzas, contudo quem conheceu Itamar certamente deduziu; ele sabia o quanto os porcos de rio ignoram poluentes.

XXXXX

Hoje eu senti coisas estranhas quando terminei o trabalho e voltava para casa de metrô. Ali no vagão, sentei-me perto de duas mulheres. Uma delas estava tão seminua, que seus peitos quase saíam do maiô preto. Ela também usava uma saia curta de jeans, porém, o inusitado mesmo ocorreu quando a tal mulher começou a clamar por Jesus Cristo perto de cada estação. Quando o trem brecava, ela pedia o amor do Senhor, suspirava e parecia receber um recado do além: "Jesus do céu! ". Depois de três estações, as lamentações da mulher começaram a me incomodar; incomodaram tanto até eu me imaginar como o jornalista que noticia a grande tragédia de geleiras a colidindo contra a cidade. Felizmente, a própria mulher salvou-me da perda total da paciência quando explicou à amiga estar apenas com muito sono. Jesus Cristo bem poderia diminuir aquela sonolência.

Jesus pelo jeito atende os muitos tipos de desassossegos. Serve a todos os carnavais apesar dos confetes virem de muito longe para consternar e também alegrar as pessoas.

Tenho a obrigação de situar a minha vida a todo momento, em um bom lugar; procurar não me perder. Tenho 23 anos. Moro em um quarto e sala no quinto andar de um prédio no bairro de Copacabana. Minha família é da cidade de Socorro em São Paulo. Meus pais ainda me sustentam com uma mesada no final do mês. Sou estagiário de jornalismo. Irei me formar no ano de 2003 como jornalista pela PUC do Rio de Janeiro. Mantenho tudo sob controle, além de trabalhar no "Jornal da Cidade".

O importante é sempre procurar sintonizar um ponto de contato

da sua vida atual com o seu eu interior. Em algum momento algo fará sentido, nem que seja para um solene descarte. Lembrei-me de um obituário de alguém chamado Ednaldo Maria da Silva.

O SEGUNDO JÓQUEI

Em 1950, quando Ednaldo Maria era jovem, foi levado ao jôquei clube da cidade do Rio de Janeiro por um irmão mais velho. Não pensava em ficar ali, mas quis arriscar algum dinheiro nas corridas. Naquela época os cavalos se apresentavam aos espectadores antes de cada páreo e Ednaldo, na primeira prova apostou em um cavalo que lembrava uma velha tia nordestina. A mulher tinha a mesma boca torta do animal. Ednaldo riu da semelhança e riu mais ainda quando o tal cavalo ganhou a corrida. A tia ganhara. Isto tinha sido uma imensa sorte. Ednaldo resolveu então jogar o segundo páreo. Usou, por descarrego, todo o dinheiro do primeiro prêmio e o mesmo recurso da aparência na escolha do cavalo: cabeça de um tio que tinha um olho saltado. O segundo cavalo também ganhou. O prêmio foi o dobro do primeiro. Ednaldo achou muita graça e decidiu permanecer a tarde no jôquei da cidade. Jogou em todos os páreos, sempre usando a estratégia de alguma particularidade entre o cavalo escolhido e alguém da sua convivência: cabelo de um primo, sorriso de colega da repartição, jeito triste da esposa do seu chefe. Ganhou todos os páreos. Recebeu dinheiro para comprar um automóvel e o vício em corridas permaneceu até o fim da vida.

Um dia, em 1989, quando relembra os primórdios do seu vício, Ednaldo reparou que, ao começar a entender de cavalos - aqueles que corriam bem em grama, cavalo especialista em areia,

a linhagem do corcel – e deixar de apostar no animal que lembrava alguém, passou a ganhar menos e o hipismo tornou-se o grande problema do seu casamento.

Ednaldo analisou o vício no seu leito de morte, quando pediu desculpas a esposa por ter gasto tanto dinheiro em corridas, por não ter controlado melhor este defeito. A esposa disse:

- Ora, querido... corrida de cavalo não é um vício como bebida ou cocaína. Tomar muito café é pior.

Na hora Ednaldo apostou: “Puro-sangue poderia ser um bom nome para marca de café solúvel granulado”.

Sábado dia 16 de abril, Ednaldo Maria faleceu de pneumonia. Tinha setenta anos. Deixa mulher e três filhos. Foi cremado. As cinzas foram jogadas no Jockey Clube do Rio, perto do disco final, antes do primeiro páreo, diante das almas crédulas de alguns velhos com as apostas na mão.

XXXXXX

Trabalho no “Jornal da Cidade” como estagiário em jornalismo. Hoje eu não estava muito bem. Fiquei pior quando li a primeira página do jornal: “Bomba em escola do Iraque mata dez pessoas”. Li a notícia e pensei na vida destas dez pessoas há dois dias, quando não eram as dez noticiadas, quando simplesmente escovavam os dentes... Depois conclui: ser uma vítima de uma tragédia, definida por um número em um jornal, é como a lousa em um cálculo matemático, ou melhor, o âmago do quadro negro é nulo, mesmo tendo participado das suposições do problema.

Tentei esclarecer isto melhor, pensando na qualidade dos meus

obituários: notas de falecimento são sólidas como um mausoléu. A família sempre lê e o morto parece cumprir sua obrigação de um jeito intacto. Vítimas da primeira página dos jornais não... elas são muriçocas, voltam diariamente iguais a muriçocas, principalmente em noticiários da tevê.

Sai para almoçar. Imaginei que dois dos dez mortos da manchete de hoje queriam estar entre os dezessete mortos da tragédia de amanhã e isso porque os dezessete de amanhã não combinarão com os índices de audiência da programação da tevê que sempre exigem mortos repassados em números redondos.

Depois pensei diferente: notas de falecimento são até mais do que um mausoléu, porque jamais podem ser ambíguas. Eu não quero mais complicações iguais aquela, quando quase fui demitido porque confundi o sobrenome de um finado: GOMEZ com “z” foi publicado GOMES com “s”. A família do morto não gostou.

Um dia morrerão dez ponto três pessoas em um acidente de ônibus na rodovia Dutra. Assim será noticiado porque três das vítimas serão crianças.

O mundo digital não validará mais o informe de vítimas de tragédias não exibidas de um modo fracionado.

Mas será difícil afastarem-se do inteiro. Inteira foi a morte de Alice.

NO CONSULTÓRIO TOCAVA “SHE’S LEAVING HOME”

Alice tinha sete anos quando morreu. Estudava no primeiro ano do primeiro grau da Escola Estadual Dona Villalva. “Ela era uma aluna tão inteligente quanto esperta”- declarou a única professora durante o enterro. Alice não faltava à escola e ali,